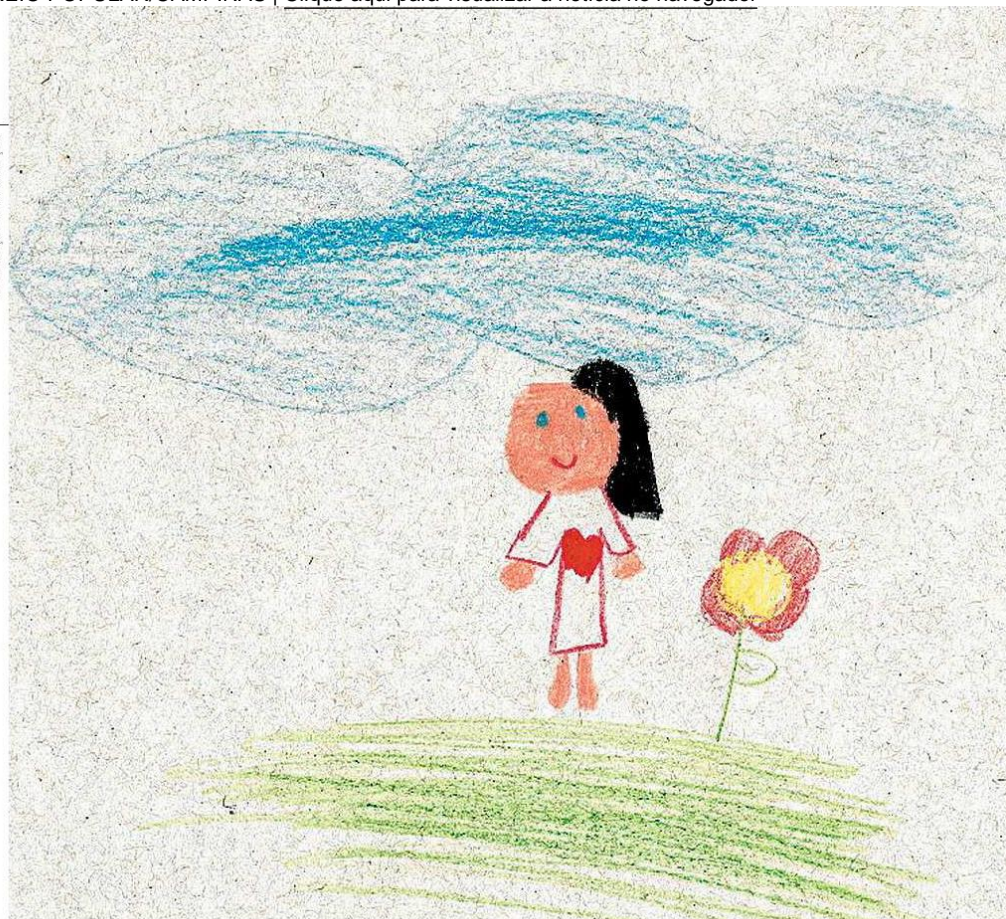


Kátia Camargo
katia.camargo@rac.com.br

ILUSTRAÇÕES: DIVULGAÇÃO

Uma “declaração de amor”, escrita aos 15 anos para o médico alemão Albert Schweitzer, já indicava que Silvia Brandalise, de 74 anos, pensava diferente das garotas de sua época. Enquanto as amigas gostavam de Elvis Presley, o ídolo dela era um senhor de quase 80 anos que se mudou com a mulher e os filhos para a África Equatorial Francesa (hoje Gabão) para montar um hospital e cuidar da população extremamente carente do local.

Mesmo sem o endereço completo do destinatário, a mensagem chegou e foi respondida pela enfermeira que trabalhava com ele. No texto, Schweitzer escreveu que havia se emocionado ao ler palavras tão carinhosas de uma “criança brasileira”. Em 1952, o médico venceu o Nobel da Paz e com o dinheiro do prêmio construiu uma colônia para



Paciente do Boldrini, Giovanna, de 8 anos, retratou assim a pediatra: um grande coração

Stricto Sensu Pós-Graduação

Inscrições de 1º a 31 de outubro
puc-campinas.edu.br/pos-graduacao



PUC
CAMPINAS
PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CATÓLICA

Doutorado

- Arquitetura e Urbanismo
- Educação
- Psicologia

Mestrado

- Arquitetura e Urbanismo
- Ciências da Religião
- Ciências da Saúde
- Educação
- Linguagens, Mídia e Arte
- Psicologia
- Sistemas de Infraestrutura Urbana
- Sustentabilidade

Mestrado Profissional

- Gestão de Redes de Telecomunicações



Não se conforme com aquilo que você pode mudar!

TRATAMENTO PARA FLACIDEZ E INCONTINÊNCIA ANAL

FLACIDEZ VULVAR E INCONTINÊNCIA URINÁRIA

Causas: Genéticas, Pós-Parto, traumas, idade, Perda de peso, climatério, menopausa, pós-menopausa, perda da força e tônus do tecido vulvar.

Tendo consequências como secura vaginal, diminuição da libido e flacidez vaginal.

Tratamento com estimulação de produção das fibras de colágeno, através da aplicação da tecnologia Radiofrequência remodelando a Elasticidade e estrutura da pele íntima.



CENTRO DE UROLOGIA CAMPINAS

Av: João Erbolato, nº281- Jd. Chapadão
Campinas/SP
(estacionamento próprio)

Fone: (19) 3231-5014 | 3213-0231

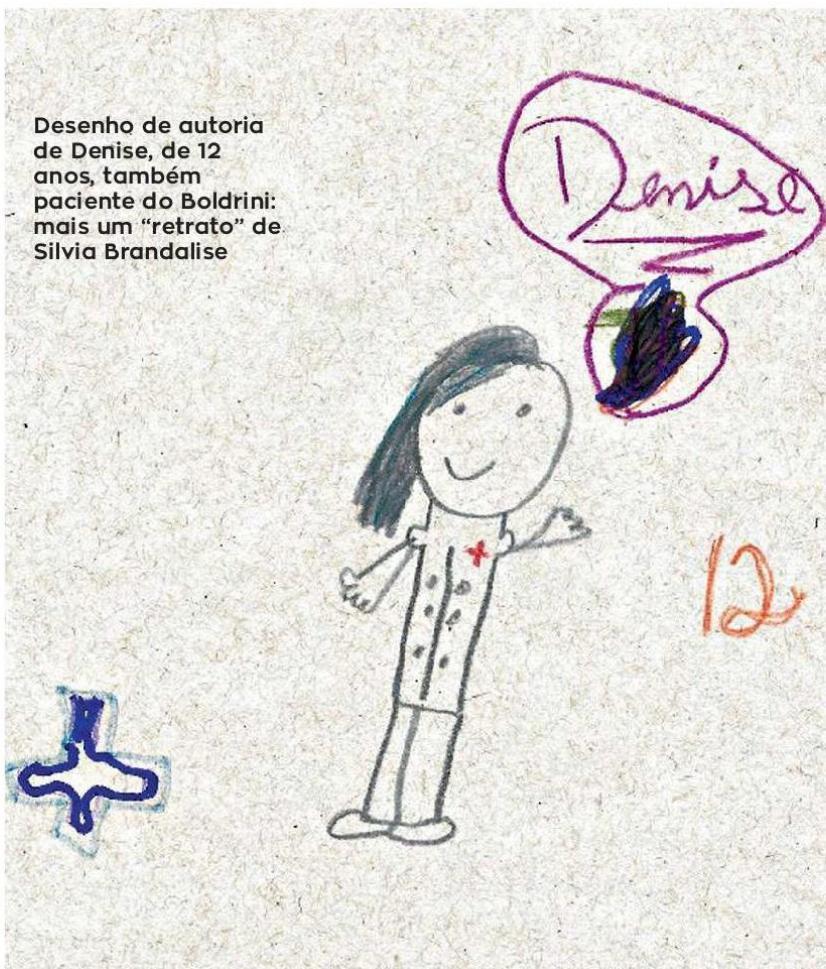
www.centrodeurologiacampinas.com.br
centrodeurologia@hotmail.com

Uma médica de braços abertos é a forma que Gabriela R. Vilarés enxerga Silvia



“ Se penso em parar? Penso em parar quando não tiver mais doenças ”

Desenho de autoria de Denise, de 12 anos, também paciente do Boldrini: mais um “retrato” de Silvia Brandalise



leproso próximo a seu hospital. “Esse olhar ajudou a direcionar minha vida para a medicina social e nunca pessoal”, diz Silvia. E a levou por um caminho que ela relutava em percorrer.

“Tentava me esquivar porque queria excluir o que fazia mal para meu coração. Me machucava ver crianças carequinhas, sem cílios, tão magrinhas e não conseguir fazer nada”, afirma ela, que há 39 anos preside o Centro Infantil Boldrini, referência internacional no tratamento de crianças e adolescentes com câncer e doenças do sangue. A instituição atende pacientes de toda a América Latina – anualmente, são cerca de 77 mil consultas ambulatoriais – e atinge uma média de cura de 70%, podendo chegar a 80% em alguns casos.

Arte de Caio da Silva, paciente do hospital campineiro, mostra a pediatra durante atendimento



“ Me dá um prazer enorme ver a criança voltando a sorrir quando se recupera ”

EGRÉGORA

MULTIMARCAS

SEUS PÉS MERECEM

A marca DaniBe oferece o que há de melhor em sapatos feitos a mão, em pelica e couro de cabra. São forrados em couro macio, com solado também em couro, feitos como antigamente e fabricados no Brasil. Apesar da beleza ser vista em seus sapatos o diferencial é sentido durante o uso. Os modelos são exclusivamente desenhados e montados em fôrmas desenvolvidas pela proprietária da marca, a fisioterapeuta Daniela Borges, que dedica seus conhecimentos a criar um sapato com ergonomia, qualidade e exclusividade.



@egregora_shoes

19 3381.1800 | 19 99858.3097

Rua Dr. Guilherme da Silva, 442 - Cambuí



Continuação

MOSTRA+

SUSTENTÁVEL

ARQUITETURA · ARTE · GASTRONOMIA

Últimos dias!

8, 11 e 12/10



O melhor da arquitetura, decoração e paisagismo pelas mãos dos principais profissionais de nossa região. Confira no site a programação artística, as conversas técnicas e as opções gastronômicas que fazem da Mostra+Sustentável um evento único!

De 7/9 a 12/10

EDIÇÃO 2017:

Lar dos Velhinhos de Campinas
Rua Irmã Maria Santa Paula Terrier, 300
Campinas – SP

MOSTRA EM BENEFÍCIO DA INSTITUIÇÃO ACOELHEDORA

mostra.com.br

Realização

Apoio de mídia



GRUPORMC

Patrocínio



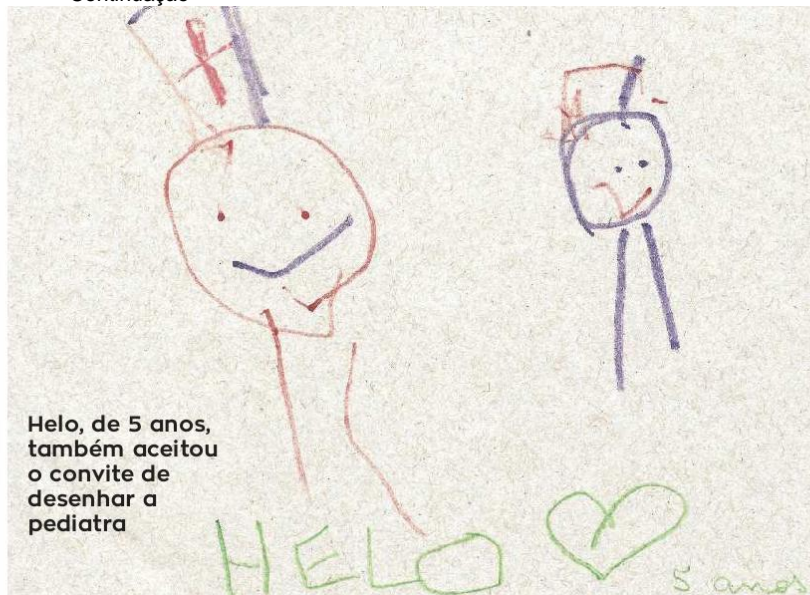
Controlar

Automação Residencial

Lanzar

Incepa

Sulvicor



Helo, de 5 anos,
também aceitou
o convite de
desenhar a
pediatra

Mudança de rota

Foram dois Andrés, ambos de cinco anos e diagnosticados com leucemia, que mudaram o destino da pediatra. Em 1976 aconteceu o encontro com André Zavarchenko, internado na pediatria da **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)**, onde Silvia era chefe da enfermaria pediátrica e cuidava de 50 crianças, das quais sabia o nome de cor. Com o menino, no entanto, não tinha contato. Casos de câncer eram responsabilidade de hematologistas, oncologistas e cirurgiões.

Por uma dessas peças que o destino nos prega, uma enfermeira residente não encontrava o médico do garoto e pediu que Silvia fosse vê-lo. Ela – que “batia o pé e falava que só queria ser pediatra” – disse que não sabia tratar leucemia e não conseguiria ajudar, o que fez a enfermeira chorar e bradar que ninguém queria saber do menino. “Eu, que não posso com choro, acabei indo ver André. Estudando o prontuário, percebi impropriedades pediátricas no tratamento e passei a corrigi-las”, lembra.

A pedido da família, Silvia indicou o médico João Rhomes Aur, que tinha sido seu professor na faculdade e morava nos Estados Unidos. Dias antes da viagem, a mãe e a avó do menino bateram à sua porta pedindo que as acompanhasse. “Disse que não podia, porque tinha dois filhos pequenos e o ambulatório para cuidar. Elas começaram a chorar e falaram que se eu não fosse também não iriam e que André ficaria sem essa chance de tratamento. E de novo, como não sei lidar com choro, lá fui eu”.

Desembarcaram em uma Memphis enlouquecida pela partida de Elvis Presley, natural da cidade. O especialista avaliou o caso e afirmou que o menino não teria chance, mas entregou a Sílvia o protocolo de como era feito o tratamento nos Estados Unidos, onde a média de cura era de 50% – no Brasil, não chegava a 5%. De volta ao hotel, ouviu da mãe de André: “Sei que meu filho não vai sarar, mas, por favor, cuide das outras crianças”.

Mais um André

Passado um mês da morte do menino, uma residente foi até Sílvia pedindo que examinasse seu sobrinho, André Macluf. Devido à presença de gânglios, a médica desconfiou de leucemia e o diagnóstico confirmou a suspeita. O paciente foi encaminhado a um especialista em São Paulo e Silvia continuou acompanhando o caso de longe. Preocupada ao saber que a quimioterapia havia sido suspensa, ligou para Aur e teve a seguinte resposta: “Você tem o protocolo do tratamento. Então, ou você assume o caso ou esquece.”

Após alguns dias, André visitou Silvia e pediu que tratasse dele. Naquele momento, diante de um paciente aos prantos, a médica decidiu que cuidaria do menino e de todas as outras crianças que chegassem até ela. Pediu demissão da chefia do ambulatório pediátrico da **Unicamp** para criar o que em 1978 se tornaria o embrião do Boldrini. Aur passou uma temporada em Campinas e ensinou Silvia a tratar de câncer infantil. E esse segundo André ficou curado, formou-se dentista, casou e hoje tem um filho.

Aprendendo a pedir

Nos tempos em que trabalhava na pediatria da **Unicamp**, Sílvia Brandalise costumava ouvir das mulheres da alta sociedade como poderiam agradecer pelo tratamento de seus filhos, muitos deles com casos difíceis. E ela então aprendeu a pedir. “Criamos uma listinha de necessidades e, quando alguém perguntava, eu olhava a relação e falava ‘precisamos de 15 cobertores, ou dez toalhas, ou uma cadeira, ou seringas descartáveis’”, conta.

A fama de “pedinte” ganhou novo capítulo recentemente, quando o governo quis trocar o asparaginase importado dos Estados Unidos e da Alemanha por um chinês, ainda sem efeitos comprovados cientificamente. Preocupada com as consequências dessa troca, apelou para o papa Fran-

cisco e para Bill Gates e fez uma campanha pedindo que cada pessoa que viajasse ao Exterior trouxesse um vidro do remédio, essencial no tratamento da leucemia.

“O resultado foi bárbaro, conseguimos muitas doações”, comemora.

“Não podemos arriscar. Se na primeira batalha não atacarmos todas as células doentes, o paciente manterá uma doença residual, vai recair e morrer no primeiro ano. Se precisar, eu compro o medicamento e depois vejo como vamos pagar”, afirma.





Dois momentos:
durante palestra
em 2016 e, à
esquerda, na
inauguração do
Boldrini, em 1986

Viagens que mudaram realidades

Num primeiro momento descartado no lixo, o convite para um congresso no Alabama (Estados Unidos) fez com que Silvia Brandalise ajudasse a criar, no retorno ao Brasil, uma lei tornando obrigatório o teste do pezinho para diagnóstico precoce da doença falciforme. Nem mesmo os contratemplos enfrentados na viagem – o avião quebrou duas vezes, no hotel não havia cama para ela e a mala foi extraviada – mudaram o que o evento representou. “Vi que os pacientes que eram tratados na infância sobreviviam e tinham uma vida normal”, informa.

Fundadora do Centro Integrado de Pesquisas Oncohematológicas (Cipoi) da **Unicamp**, a médica implantou, a partir de uma lei municipal, o Programa de Triagem Neonatal para realização do exame do pezinho para diagnóstico precoce desse tipo de anemia. Hoje, por intermédio de uma parceria

com a **Unicamp**, o Boldrini atende pacientes com doença falciforme desde o nascimento e os acompanha até a vida adulta.

Silvia também fundou em Campinas o primeiro Centro Abrangente de Atenção ao Paciente de Doença Falciforme do País. “O índice de mortalidade caiu para 0,01 até cinco anos e o aprendizado dessa viagem foi que doença crônica é muito diferente de doença aguda”, avalia.

Em 2006, uma viagem à Suíça tornou-se outro marco importante no combate à doença falciforme. No intervalo de um congresso de câncer em Genebra, ela foi visitar a sede da Organização Mundial da Saúde (OMS). “Falei ao segurança que só queria tirar umas fotos, mas ele disse que não poderia entrar se não tivesse marcado”, lembra.

De tanto insistir, foi levada a um segurança brasileiro que perguntou qual

departamento ela queria conhecer. Como o setor de câncer não ficava no prédio, optou por visitar a área Erro Inato no Metabolismo da Hemoglobina. “Cheguei na sala do chefe do departamento e quis saber quais programas a OMS tinha para portadores de doença falciforme e não havia nenhum. O chefe então fez um pacto que mudaria o dia 8 de maio, Dia Internacional da Talassemia, para Dia Internacional das Hemoglobinopatias. E mudou.”

No currículo de Silvia, não faltam histórias como essas, títulos, homenagens e diplomas, mas esses ela deixa guardados na gaveta. Depois de tantos anos dedicados ao combate ao câncer infantil, aquela resistência inicial deu lugar à certeza de ter escolhido o caminho certo: “Eu tive o privilégio de receber muitas dádivas, porque fazer o que a gente gosta é um privilégio, não é?”.



O BOLDRINI

Quando trabalhou na Santa Casa de Campinas, Sílvia Brandalise via um médico de cabelos brancos que aparecia todos os fins de tarde para cuidar dos pacientes. Curiosa, perguntou quem era aquele homem e o que fazia lá. Descobriu que ele cuidava das crianças carentes, atendendo-as de graça em seu consultório. “Anos mais tarde, quando sugeriram o nome do hospital como Centro Infantil Boldrini, lembrei-me da imagem dele cuidando das crianças e concordei na hora”, conta. Por ano, a instituição realiza em média 4 mil internações, 450 procedimentos cirúrgicos, mais de 205 mil exames laboratoriais, 22,5 mil sessões de quimioterapia e 25,5 mil sessões de radioterapia. O hospital funciona num terreno de 1,5 mil metros quadrados anexo ao Centro Médico de Campinas, cedido pela empresa Robert Bosch. O Boldrini foi a primeira parceria público-privada da **Unicamp**, sendo que 90% do atendimento é gratuito.